

Máquina de Produzir Fascistas

Marcia Tiburi

Doutora e Mestre em Filosofia

ORIGEM E TRANSMISSÃO DO ÓDIO

Diante dos discursos de ódio que, de tempos em tempos, assumem expressão social, aqueles que não partilham do mesmo afeto, colocam-se a pergunta acerca de sua origem. Chamamos de ódio o afeto que se expressa como intolerância, violência projetiva ou, no extremo, declaração de morte ao outro. Pensamos que alguém – um Hitler qualquer - aciona o botão do ódio que liga a máquina de produzir fascistas à qual a sociedade está condenada. Esta máquina é a engrenagem organizada, uma espécie de dispositivo, que se utiliza do afeto odioso na orquestração do delírio coletivo ao qual a sociedade mesma é rebaixada. Assim se consegue a aniquilação da sociedade, do senso do social que poderia acordar o próprio fascista do ódio delirante no qual ele foi envolvido como indivíduo, acreditando que neste afeto está a verdade de sua experiência.

Podemos definir o ódio como uma emoção. Como algo passional. Daí a impressão, no âmbito de suas manifestações, de que ele seja um afeto primitivo e não cultural, que seja selvagem e não civilizado. A expressão do ódio parece, para muitos, a irrupção de algo irracional no seio de uma sociedade razoável. Por isso, tendemos a vê-lo como algo de arcaico. No entanto, se o ódio irrompe no seio da sociedade civilizada é porque, de algum modo, ele é parte dessa sociedade.

AFETO CONTAGIOSO

A pergunta pela origem do ódio não pode ser respondida senão pelo recurso ao círculo vicioso que explica o surgimento de qualquer afeto: é o sentimento experimentado que gera o que é sentido. Isso quer

dizer que a tendência a ver um afeto como particular e natural perde de vista o caráter social de sua constituição. Os afetos são aprendidos, fazem parte de processos de cognição e formação subjetiva. Aquele que experimentou amor responde com amor, aquele que experimentou o ódio responde com ódio.

Deste modo, não podemos falar da origem cronológica de um afeto. O ódio não é implantado como um chip em uma pessoa e não se explica por uma “personalidade” naturalmente odienta por oposição a uma “personalidade” naturalmente amorosa. A compreensão do ódio torna-se possível se ficarmos atentos ao caráter genealógico da experiência do ódio. O ódio não é uma substância presente em algumas pessoas por oposição a outras, mas um afeto que se constitui na experiência partilhada com outros. “Como alguém pode ser tomado pelo “ódio”? É questão que se explica tendo em vista o caráter próprio às emoções, o de serem estranhamente contagiosas.

Quando falamos em afeto, falamos do que “nos toca”, daquilo que nos diz respeito, que nos concerne. O que “nos toca” refere-se ao que é, de algum modo, percebido, por ser comunicado, por ser transmitido. Trata-se daquilo que é partilhado, mas não apenas de “cima para baixo”, como se tivéssemos, no caso do ódio, recebido a ordem, consciente ou inconsciente, de senti-lo e nos expressarmos em seu nome.

Se pensarmos nos discursos de incitação à violência – uma das formas expressivas do ódio - veremos que ela é transmitida de cima para baixo, como numa engrenagem acionada de fora. Líderes políticos, publicitários, jornalísticos e todos os que detém o discurso, podem ligar esta máquina incitando ao ódio. Mas o elemento “vertical” que liga a máquina movida pelo ódio não é suficiente para sustentá-lo, de modo que, para que o ódio persista, sua experiência precisa afirmar-se “horizontalmente”, ou seja, precisa ser partilhada com os pares, com os outros que contribuem para a manutenção da máquina, que, pelo fomento do ódio ao outro, transforma a todos em fascistas.

Assim, cada um é engrenagem da grande máquina de produzir fascistas alimentada com o combustível do ódio. Parar esta engrenagem só será possível para aquele que aprender que outro mundo, além dessa emoção perversa, é possível.

A interrupção do funcionamento da máquina depende dessa potência até agora esquecida. ❖